

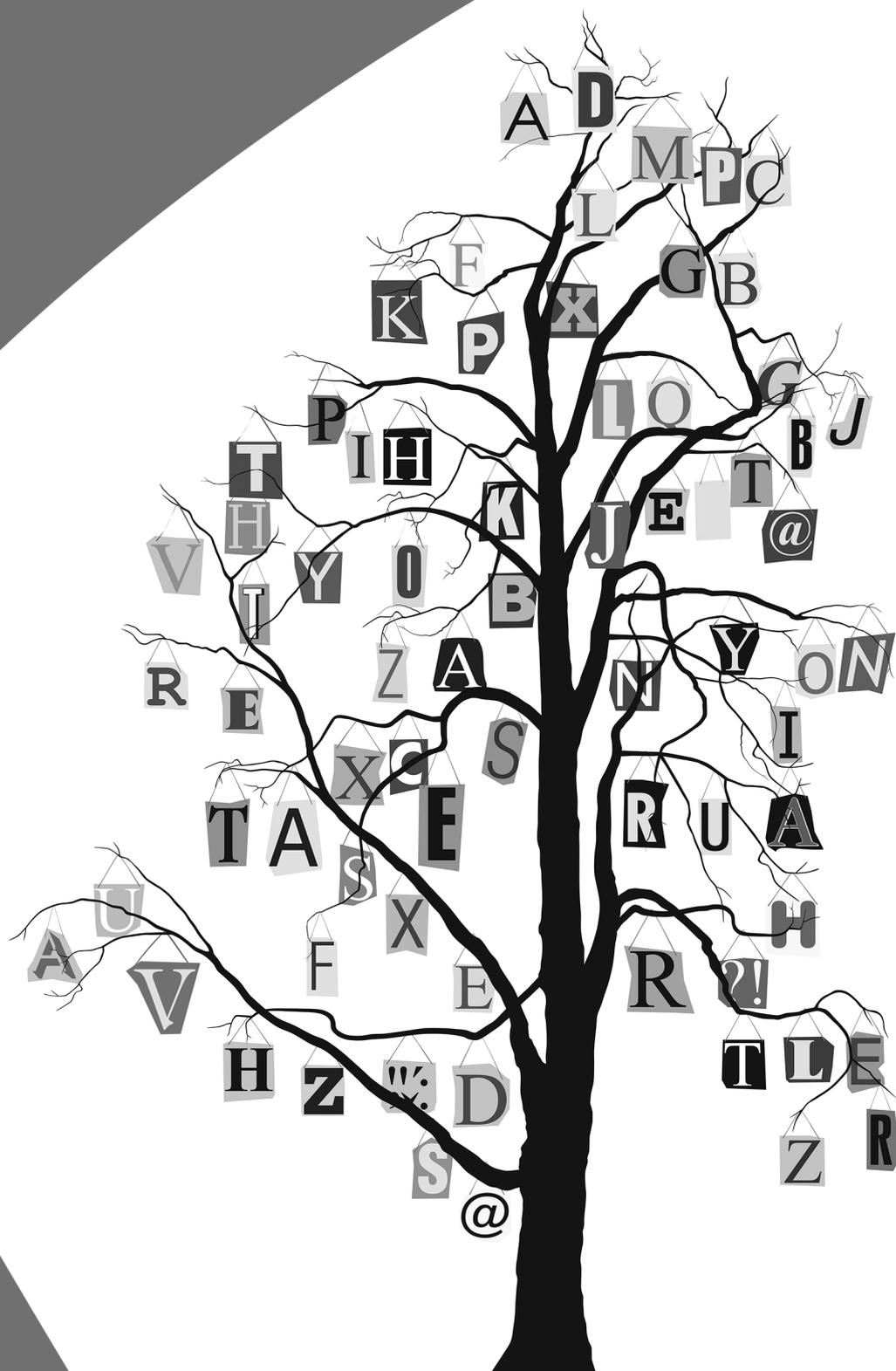
(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
159	<p>(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-86002-18-8 DOI 10.22533/at.ed.188202802</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste e-book as reflexões giram em torno dos estudos voltados para as áreas da linguística, da literatura e das artes. Não é uma obra, unicamente, composta por estudos e investigações linguísticas, tampouco destinadas somente ao fazer literários e ao estudo das artes. Estas reflexões são constituintes de uma coletânea plural das ideias e dos conhecimentos que aqui se apresentam, assim como devem ser todas as investigações que têm o ser humano como principal agente de problematizações e soluções.

Os trinta e três capítulos que dão formatos e sentidos à obra estão no mesmo patamar das propostas em que é valorizada cada forma como os seus autores se debruçam sobre seus escritos, suas análises e suas investigações, denotando que o ser humano é, por excelência, um sujeito que está envolvido e inserido na linguagem para entender outros contextos comunicativos, poéticos, estéticos e discursivos.

Todos os capítulos são necessários e imprescindíveis para a efetivação desta obra, pois felizes e ousados são os autores que se propuseram a demonstrar como os diferentes conhecimentos estão sendo formulados e construídos nos diferentes contextos de realização da linguagem.

Em cada capítulo a presença das marcas singulares é latente, porque a linguística utiliza-se da literatura e da arte para criar seus objetos de investigação, análise, estudo, problematização e de construção de sentidos, visto que é na linguagem que os questionamentos podem tomar formas em propostas e sugestões. Assim como a literatura se utiliza da arte, a arte refaz o mesmo caminho da literatura e da linguística, mas de maneira mais singular, porque cumpre a nobre missão de nos encantar.

As (in) subordinações semânticas que compõem esta obra se justificam pela diversidade de conhecimentos e de saberes estruturados contidos em cada parte deste e-book. Entendê-las e construir pontes dialógicas na formação cognitiva do sujeito são algumas das funções dos trinta e um capítulos que formatizam as ideias lançadas nesta coletânea plural.

Assim, todos os autores que aqui se propuseram, fazem votos de que os leitores, principais interlocutores desta obra, encontrem as respostas para seus questionamentos e, mais ainda, sejam capazes de elaborar outras questões na criação de possibilidades que se estabelecem em uma cadeia interconectada de saberes.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NOS EXAMES DE PROFICIÊNCIA DAS UNIVERSIDADES DE SANTA CATARINA	
Cassiane Lemes Batista Tadinei Daniel Jacumasso	
DOI 10.22533/at.ed.1882028021	
CAPÍTULO 2	10
A LINGUAGEM DOS PERIÓDICOS DE ÉPOCA, EM TORNO À ESCRAVIDÃO	
Maria Lucia Mexias-Simon	
DOI 10.22533/at.ed.1882028022	
CAPÍTULO 3	18
LETRAMENTOS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO DISCURSO À PRÁTICA	
Indionara de Matos Márcia Adriana Dias Kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028023	
CAPÍTULO 4	32
LETRAMENTOS MULTISSEMIÓTICOS: O AUDIOVISUAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE LÍNGUAS	
Ana Paula Domingos Baladeli	
DOI 10.22533/at.ed.1882028024	
CAPÍTULO 5	43
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE GRAMÁTICA E GÊNEROS DE TEXTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1882028025	
CAPÍTULO 6	65
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA	
Nereda Lima de Carvalho Hávila Sâmua Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1882028026	
CAPÍTULO 7	74
PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DA COMPREENSÃO AUDITIVA EM LÍNGUA INGLESA VIA <i>MOODLE</i>	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.1882028027	

CAPÍTULO 8	85
TRABALHANDO A ORALIDADE ATRAVÉS DA MÍDIA PODCAST NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Sidinei Mateus Schmidt Fabiana Diniz Kurtz Taíse Neves Possani	
DOI 10.22533/at.ed.1882028028	
CAPÍTULO 9	93
MONITORIA DE LEITURA E DE PRODUÇÃO TEXTUAL NA UNIVERSIDADE: LETRAMENTOS PARA AS PRÁTICAS SOCIAIS	
Pamela Tais Clein Capelin Márcia Adriana Dias kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028029	
CAPÍTULO 10	105
RÁDIO NA FEIRA: DISCURSO E ORALIDADE NO VIÉS DA LITERATURA	
Darlise Vaccarin Fadanni	
DOI 10.22533/at.ed.18820280210	
CAPÍTULO 11	117
CONCEPÇÃO DA LINGUÍSTICA APLICADA EM UM PROJETO DE CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO	
Daniele Santos Rocha Emerson Tadeu Cotrim Assunção Juliana Alves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.18820280211	
CAPÍTULO 12	128
UMA VISÃO SOBRE OS GÊNEROS LITERÁRIOS AO LONGO DA HISTÓRIA	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.18820280212	
CAPÍTULO 13	150
TRAVESSIAS ÉTICO-POLÍTICAS: ESTUDOS EM ATUAÇÃO	
Tânia Tiemi Ikeoka	
DOI 10.22533/at.ed.18820280213	
CAPÍTULO 14	163
UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS OBRAS <i>SIMÃO DIAS</i> E <i>O CORTIÇO</i> , NAS PERSONAGENS LUISA, DO CARMO E POMBINHA	
Rosa Gabriely Monteiro Fontes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280214	
CAPÍTULO 15	173
A SERIEMA, A CIDADE E A MULHER NA POÉTICA DE APARECIDO ALVES MACHADO	
Erick Vinicius Mathias Leite Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280215	

CAPÍTULO 16	193
SUBORDINAÇÃO E SUBALTERNIDADE DA MULHER INDÍGENA EM <i>CRIADA</i> (2009), DE MATÍAS HERRERA CÓRDOBA	
Larissa Natalia Silva Rosangela Schardong	
DOI 10.22533/at.ed.18820280216	
CAPÍTULO 17	206
PROTAGONISMO FEMININO NO CÁLIX DE VINHO DE JULIANA	
Jeane de Cássia Nascimento Santos Antonio Marcos dos Santos Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.18820280217	
CAPÍTULO 18	217
MEMÓRIA, HISTÓRIA E ANCESTRALIDADE NO ROMANCE <i>UM DEFEITO DE COR</i> , DE ANA MARIA GONÇALVES	
Ramon Rocha Ribeiro Cristian Souza de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.18820280218	
CAPÍTULO 19	232
ANÁLISE DA CARGA NEGATIVA DA SOMBRA NA <i>MISE-EN-SCÈNE</i> DO CINEMA EXPRESSIONISTA	
Juan Francisco Celín Robalino	
DOI 10.22533/at.ed.18820280219	
CAPÍTULO 20	247
O MALANDRO NO CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO	
Victória Nantes Marinho Adorno Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280220	
CAPÍTULO 21	259
QUE FOGO NOS TRAZ ESSE PROMETEU MODERNO: AS TRÊS FASES DA ESCRITA FEMININA DE ELAINE SHOWALTER EM <i>FRANKENSTEIN</i> DE MARY SHELLEY	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macêdo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280221	
CAPÍTULO 22	270
INOVAÇÃO EDUCACIONAL: O FENÔMENO DA TRANSMÍDIA NA VIDA ESCOLAR DOS JOVENS DE BREVES-PA, ILHA DO MARAJÓ	
Valéria de Oliveira Pena Borges Bruno Diego Fernandes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.18820280222	

CAPÍTULO 23	275
MÚSICA, ALFABETIZAÇÃO E FOLCLORE: POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES	
Cibele Machado Maier Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280223	
CAPÍTULO 24	283
O CORPO EM <i>BREATH, EYES, MEMORY</i> : DESLOCAMENTO,TRAJETÓRIAS E POSICIONAMENTOS	
Juliana Borges Oliveira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280224	
CAPÍTULO 25	293
PENSANDO O CORPO CÔMICO NA DANÇA	
Diego Mejia Neves Clara Gouvêa do Prado Leonardo Birche de Carvalho Mariana dos Reis Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280225	
CAPÍTULO 26	300
DESAFIOS DO LICENCIADO EM DANÇA:DA GRADUAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO	
Juliana Ramos Buçard do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280226	
CAPÍTULO 27	304
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: DANÇA E REABILITAÇÃO NEUROLÓGICA INFANTIL	
Maria Fernanda Silva Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280227	
CAPÍTULO 28	316
ELO: LEGADO CULTURAL CAPIXABA	
Camila Honorio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.18820280228	
CAPÍTULO 29	324
CAMINHOS DA PRESENÇA: COM-SENTINDO OUTRAS/OS BAILARINAS/OS POSSÍVEIS	
Daniela Isabel Kuhn Juliana Maria Greca	
DOI 10.22533/at.ed.18820280229	
CAPÍTULO 30	337
DANÇA E CONHECIMENTO: FORMULAÇÕES OU INSURGÊNCIAS DO AGORA	
Márcia Virgínia Mignac da Silva Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.18820280230	

CAPÍTULO 31	349
DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS E DE MATRIZ AFRICANA: A ABP E UMA PROPOSTA DE PROJETO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Joana Maria Santana Torres	
DOI 10.22533/at.ed.18820280231	
CAPÍTULO 32	364
ESPAÇO URBANO, RESISTÊNCIA E LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA ACERCA DA APROPRIAÇÃO DA CIDADE	
Leandro Souza Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18820280232	
CAPÍTULO 33	384
REVITALIZAÇÃO DE ÁREAS PÚBLICAS: DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDEOLÓGICAS DE HIGIENIZAÇÃO SOCIAL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Letícia Leal Lima	
DOI 10.22533/at.ed.18820280233	
SOBRE O ORGANIZADOR	399
ÍNDICE REMISSIVO	400

QUE FOGO NOS TRAZ ESSE PROMETEU MODERNO: AS TRÊS FASES DA ESCRITA FEMININA DE ELAINE SHOWALTER EM FRANKENSTEIN DE MARY SHELLEY

Data de aceite: 18/02/2020

Ana Claudia Oliveira Neri Alves

Instituto Federal do Piauí – IFPI, Coordenação
de Área/Eixo Ciências da Natureza, Humanas e
Letras
Piripiri – Piauí

Algemira de Macêdo Mendes

Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Núcleo
de Estudos Literários Piauienses – NELIPI, NELG
Teresina – Piauí

RESUMO: O presente artigo visa analisar as personagens femininas em Frankenstein ou o Prometeu moderno (1818), da escritora britânica Mary Wollstonecraft Shelley. Na Inglaterra a partir da década de 1790, a estética gótica tornou-se uma forma literária inerentemente feminina, servindo a desconstrução dos sistemas ideológicos masculinos, uma vez que permitia a essas escritoras revelarem-se contra a naturalização de discursos de gênero e contra a construção social da feminilidade e da maternidade da época. Nosso intuito é demonstrar que ao analisarmos as descrições, atitudes e reações das personagens femininas, nessa obra do romantismo gótico inglês podemos perceber a presença de características que remetem às três fases da literatura de autoria feminina, propostas pela crítica e ensaísta

norte-americana Elaine Showalter (1986). Em Frankenstein, encontramos representações femininas que, inicialmente, nos sugerem os típicos estereótipos femininos do século XVIII, mas que demonstram, nas entrelinhas, a crítica social pessoal e o legado feminista herdado pela autora.

PALAVRAS-CHAVE: Frankenstein. Mary Shelley. Elaine Showalter. Fases. Autoria feminina.

ABSTRACT: This article aims to analyze the female characters present in the novel Frankenstein or the Modern Prometheus (1818), by the British writer Mary Wollstonecraft Shelley. Our purpose is to verify if through the analysis of the descriptions, attitudes and responses of the female characters presented in this work of the English Gothic romanticism, we are able to perceive the presence of features which would refer to the so called 'three phases' of female literary evolution according to the American essayist Elaine Showalter. Thus, we seek to contribute to a new possibility of analysis of the works written by women before the twentieth century, giving a new look on their subversion strategies and denunciations of the status quo. Regarding writing, authorship and female representation, in addition to Showalter (1986), we will also use the contributions from Spivak (2010), Woolf (2014) among others, and

on the seventeenth century English literature, we seek references in Burke (2005), Vasconcelos (2002), Mellor (1993).

KEYWORDS: Frankenstein; Mary Shelley; Showalter; phases; female authorship.

1 | SOBRE O ROMANCE GÓTICO INGLÊS

O Romantismo inglês é reconhecido na tradição literária como um período de grande emergência do gênero poético construído sobre a produção escrita e o pensamento de autores homens, tendo como seus principais expoentes: Wordsworth, Coleridge, Byron, Shelley, Blake e Keats. Entretanto, hoje, sabemos que, entre 1780 - 1830, mais de 200 autoras estavam publicando poesia e, pelo menos, a mesma quantidade estava escrevendo romances. Havia ainda outras tantas ensaístas, dramaturgas, memorialistas e jornalistas (MELLOR, 1993). Essas autoras muitas vezes preferiram o romance para aproveitar as possibilidades dialógicas oferecidas por esta forma literária. Desafiando assim a construção da feminilidade burguesa do século XVIII (PUPO, 2012, p.01).

Na Inglaterra na década de 1790, a estética gótica era extremamente popular e logo tornou-se uma forma literária inerentemente feminina, pois servia como desconstrução dos sistemas ideológicos masculinos, já que permitia revelar-se contra a naturalização de discursos de gênero, contra a construção social da feminilidade e da maternidade do séc. XVIII, que eram meios extremamente eficazes de opressão às mulheres (BURKE, 2007, p.21). O Romantismo, como movimento literário, dava preferência ao esplendor, ao pitoresco, à felicidade dos tempos passados, ao sublime espetáculo da natureza, à paixão e à beleza extraordinária. De acordo com Bertrand Evans (1974), o gótico distinguia-se pelo seu fascínio pelo horrível, pelo repelente, pelo grotesco e sobrenatural, pelas atmosferas de mistério e suspense. É a partir da obra *The Castle of Otranto* (1764), da autoria de Sir Horace Walpole, que o gótico entra nos círculos literários. Esta obra teve uma grande influência para os autores que se seguiram e é a partir dela que se começa a utilizar o terror, o sobrenatural e o macabro como possíveis fontes de ficção. O uso que se faz do termo gótico deve-se à sua preocupação em reconstituir o ambiente medieval - logo longínquo - que permitiria o uso da superstição, de ambientes misteriosos e terríficos.

É com os romances de Ann Radcliffe que o gótico, com os seus elementos de terror e suspense, se assume como uma moda literária. Dos seus seis romances góticos, o mais famoso é, sem dúvida, *The Mysteries of Udolpho* (1794). É também a partir de Radcliffe que as histórias passam a ser góticas, não por serem passadas em tempos distantes e medievais, mas pelo seu cenário. Há uma tentativa de aproximação do romance aos tempos mais próximos, além disso, no final dos seus romances, ela explicava sempre o sobrenatural por elaboradas causas naturais,

tradição que veio a influenciar autores da tradição do romance policial como Edgar Allan Poe e Arthur Conan Doyle.

Na produção literária feminina do período romântico inglês, de acordo com Mellor (1993), encontraremos preocupações e temáticas diferentes daquelas dos cânones literários da mesma época, muitas vezes uma forma de crítica ou questionamento dos posicionamentos ideológicos masculinos, como “o culto à imaginação criadora”, ou a transcendência do ‘eu’ e a experiência do sublime, características do Romantismo masculino. Nas obras de autoria feminina desse período percebemos uma valorização de uma mente racional e um compromisso com a construção de uma subjetividade baseada na alteridade.

Uma expoente representante da escrita feminina do período é Mary Wollstonecraft (1759-1797). Ela foi uma escritora feminista radical que desafiou o *status quo*, não só através de suas obras, mas através de suas próprias experiências pessoais junto ao seu esposo e companheiro, o filósofo radical, William Godwin. Ela escreveu *Vindication to the Rights of Women* (1792), uma importante obra político-filosófica, defendendo a liberdade civil e religiosa para todos, já denunciando a discriminação exercida contra as mulheres, além de diversos outros trabalhos entre eles alguns romances. Wollstonecraft considerava a educação imposta às mulheres um dos aspectos mais opressivos e nocivos do ideal feminino de classe média (BURKE, 2007, p.16). Reconhecia na negação de uma educação libertária para as mulheres “uma negação a sua própria humanidade” (MELLOR, 1993, p. 33).

2 | FEMININE, FEMINIST, FEMALE: SHOWALTER EM SHELLEY

É possível reconhecer em Mary Shelley a herança literária e os ideais revolucionários de seus pais Wollstonecraft e Godwin e ainda perceber que ela ampliou, reformulou e deu ao legado recebido as configurações de um pensamento crítico independente, de modo extremamente imaginativo e arrebatador. (PUPO, 2012, p. 07). Mary Shelley produziu uma bibliografia considerável, mas é conhecida principalmente pela sua obra mais célebre, *Frankenstein – or the modern Prometheus* (1818). Entretanto, as diversas apropriações artísticas, na sua maioria são tão distorcidas que chegam a eclipsar a obra original, o que leva o grande público a ignorar quase que completamente a complexa crítica social, política e ética presente nesse romance.

Em *Frankenstein*, encontramos representações femininas que, inicialmente, nos sugerem os típicos estereótipos femininos do século XVIII, mas que demonstram, nas entrelinhas, a crítica social pessoal e o legado feminista herdado pela autora. A partir das considerações expostas é que pretendemos analisar nesse artigo as personagens femininas em *Frankenstein*, demonstrando o que elas apresentam

características que as aproximam de cada uma das três fases da literatura de autoria feminina proposta por Elaine Showalter (1986).

Elaine Showalter (1986) realizou um aprofundado estudo sobre a produção literária de escritoras inglesas entre 1840 até cerca de 1960 e concluiu que todas as chamadas “subculturas” literárias passaram por três grandes fases. A primeira, chamada de fase feminina (*feminine*), é aquela em que as escritoras emulam os valores dominantes patriarcais vigentes na época; é a fase de “imitação e internalização” (SHOWALTER, 2009, p. 330). A segunda, feminista (*feminist*), é a fase de rebeldia, de romper e denunciar os modelos patriarcais de dominação imposto através da crítica social e da defesa dos direitos das mulheres e das minorias. A terceira fase, fêmea ou “da mulher” (*female*), é caracterizada pela autodescoberta e pela busca da identidade (SHOWALTER, 2009, p. 330), em que as mulheres produzem uma literatura própria, autenticamente feminina, sem amarguras. As três fases literárias propostas por Showalter (1986) não se excluem, ou seja, todas podem ser encontradas em uma única obra como é o caso em *Frankenstein*.

No prefácio de *Frankenstein*, Mary Shelley descreve as circunstâncias em que a obra foi criada. No verão de 1816, ela viajou com seu então amante, Percy Shelley, e alguns amigos para os Alpes Suíços. A chuva fora de época mantinha-os presos dentro da casa onde eles se entretinham com a leitura de histórias de fantasmas. Por insistência do renomado poeta Lord Byron, um amigo e vizinho, com as suas próprias canetas e papel, competindo para ver quem poderia escrever a melhor história de fantasmas. A jovem, Mary Wollstonecraft Godwin, então com 18 anos, levou o prêmio, por ter composto uma história arrepiante suficiente não só para tomar o seu lugar ao lado dos velhos contos alemães, que ela e seus companheiros estavam lendo, mas também para tornar-se um best-seller em seu tempo e um clássico gótico, que ainda ressoa junto aos leitores quase dois séculos mais tarde.

Classificado com romance gótico de ficção científica, a história é ambientada em Genebra, Alpes Suíços, Ingolstadt, Inglaterra, Escócia, e em geleiras na Rússia. A narrativa em primeira pessoa está estruturada pela alternância de narradores (todos homens) sempre descrevendo fatos ocorridos no passado em um tom característico do romantismo: emocional, trágico e fatalista.

3 | FEMININAS, PASSÍVAS, DESCARTÁVEIS

É importante salientar aqui que, no século XVIII a mulher burguesa foi subalternizada, levando-se em conta que o aburguesamento da sociedade inglesa havia criado um novo ideal de mulher: a esposa zelosa e submissa; cujo regime de opressão familiar e dependência econômica era sancionado pela Igreja Anglicana e que, ao longo de todo o século XVI, já tinha pregado a inferioridade feminina.

Assim, a divisão sexual de tarefas enquanto pilar básico do sistema determinava a repressão à sexualidade feminina, limitando a mulher aos papéis de esposa e mãe – tais papéis só serão contestados fortemente pelo movimento feminista no século XX.” (VASCONCELOS, 1995, p. 87)

Sendo assim, todas as ações das mulheres devem estar destinadas ao homem, é ele quem age o tempo todo, enquanto a mulher deve demonstrar passividade e submissão. Em *Frankenstein*, os personagens principais, Victor Frankenstein, Walton e o monstro que ele cria são do sexo masculino, e para interagir com eles a autora cria e caracteriza cada personagem feminina como passiva, descartável tendo apenas a uma função utilitária. Elizabeth, Justine, Agatha, Margareth... Cada uma das mulheres de Shelley no romance serve a um propósito muito específico: fornecer nada mais que um canal de ação para os personagens masculinos. Eventos e ações que acontecem com elas, servem primordialmente para ensinar um personagem masculino uma lição ou para despertar uma emoção dentro dele.

Talvez o canal emocional mais importante no romance seja a noiva de Victor Frankenstein. Descrita como uma personagem submissa e suave desde o início, Elizabeth Lavenza é sempre um ponto fraco para seu noivo. Frankenstein a vê como uma posse:

[...] e quando no dia seguinte, mamãe me anunciou que Elizabeth era o presente prometido, com o ar sério de uma criança tomei a letra suas palavras, considerando Elizabeth como minha... Minha apenas, para protegê-la, amá-la e acarinhá-la. Tratávamo-nos familiarmente pelo nome de primos. Nenhuma palavra, nenhuma expressão podem dar uma ideia do que ela era pra mim... mais do que uma irmã... pois até morrer seria só minha. (SHELEY, 2012, p.21).

Seguindo os ideais de feminilidade da época, Shelley descreve suas mulheres através de atributos físicos. A seguir, a primeira descrição de Elizabeth:

Os cabelos tinham tons vivos, brilhantes e dourados e, apesar da pobreza da roupa, parecia usar uma coroa na cabeça. A sua testa era clara e ampla, os olhos de um azul límpido, os lábios e a forma do rosto eram tão expressivos de sensibilidade e doçura... (p.41)

Elizabeth passa todo o romance cuidando da família Frankenstein à espera de Victor e quando finalmente os dois chegam a se casar, a moça se torna mais uma vítima do monstro, que usa a morte dela para vingar-se de Victor.

Outra personagem que serve apenas ao propósito de causar remorso e culpa ao protagonista é Justine Moritz, filha do agregado da família Frankenstein, ela é acusada injustamente pela morte de William, irmão mais novo de Victor. O garoto é assassinado pelo monstro, que consegue incriminar Justine pelo crime. Ela é julgada e condenada à morte, o que causa grande desespero, culpa e remorso em Victor. Levando-o eventualmente ao encontro do Monstro.

Nessas alturas, eu chorava amargamente e desejava que a paz me voltasse ao espírito, mas tal era impossível. O remorso aniquilava qualquer esperança. Eu havia causado desgraças irreparáveis; e vivia no receio constante de que o monstro que eu criara se entregasse a novas crueldades. Tinha o pressentimento de que ele cometeria um crime tão monstruoso que apagaria a lembrança do que já fizera. [...] Quando refletia sobre seus crimes e maldade, o meu ódio e meu desejo de vingança ultrapassavam todos os limites da moderação. (p.41)

Uma outra personagem feminina é Agatha, a filha do camponês, cujo propósito, como mulher, é expor e incorporar todas as virtudes e sensibilidade. Estas são as primeiras lições aprendidas pelo monstro, através da natureza passiva e terna de Agatha, sobre as relações humanas saudáveis e sobre o amor. Observando secretamente a família De Lacey, o monstro relata:

Notei que o velho encorajava muitas vezes os filhos a afastar a melancolia. Falava num tom jovial e com uma expressão de bondade que até a mim dava prazer; Agatha ouvia-o respeitosamente, de olhos por vezes rasos de lágrimas que enxugava furtivamente às escondidas; mas em geral o tom da sua voz era mais alegre depois de ter escutado as palavras do pai. (p.93)

Ainda durante suas observações no chalé, o monstro conhece uma outra personagem, Safie, a jovem árabe recém-chegada, recebe lições em francês dos membros da família De Lacey, e é graças a ela que o monstro aprende a falar e a ler, observem aqui a soberba masculina: “Os meus dias passavam-se a ouvir os meus vizinhos com muita atenção, de modo a aprender mais rapidamente a sua língua; e posso vangloriar-me de ter feito progresso mais rápido do que a jovem árabe, ” (p. 99).

De todas as personagens femininas no romance, Margaret Walton Saville, a irmã do capitão Walton, tem talvez o papel mais passivo de todos. Ela é útil para nós como uma audiência, porque sem ela, não há nenhuma razão para Walton retransmitir sua história. No entanto, nós nunca chegamos a conhecer esse personagem, nem sabemos se ela realmente existe, se ela lê a história e recebe as cartas, ou se ela tem alguma coisa a dizer sobre isso.

Ela é a personagem feminina mais distante e passiva no romance e ao mesmo tempo a mais necessária para o romance como um todo, pois sem ela não haveria para quem contar a história. Como a destinatária das cartas, Saville passa a segunda metade do romance esquecida, ou pelo menos fora de cena. Dessa forma ela funciona apenas um “endereço” dentro da narrativa pois ela está sempre presente enquanto nós, como público, estamos lendo, ou seja, ela tem apenas “a função receptora irredutível das cartas”. (SPIVAK, 1999, p.139) Em outras palavras, o espaço reservado para o leitor: “o leitor deve ler com Margaret Saville no sentido crucial de que ela deve interceptar a função receptora, ler as cartas como receptora, para que o romance exista”. (SPIVAK, 1999, p.139)

Apesar de todas as personagens femininas mencionadas terem sido criadas por uma autora do sexo feminino, elas são objetificadas, usadas, abusadas, e facilmente descartadas. A maioria delas não sobrevive até o final do romance e todas elas vivem suas vidas fictícias para servir uma função muito específica: impactar a vida de um homem. Portanto, inicialmente podemos enquadrar o romance Frankenstein na primeira fase da literatura de autoria feminina proposta por Showalter (1986), pois nele há uma reprodução dos valores patriarcais vigentes em que a mulher é servil e submissa aos homens. Cabe a eles o lugar primário e o protagonismo das ações.

4 I “ESSA COMBINAÇÃO DE CONFORMISMO E PROTESTO”

“É interessante observar, no entanto, que essas obras [os romances do século XVIII] não estão livres de contradições inerentes à ideologia burguesa de feminilidade, pois reforçaram-na ao mesmo tempo que denunciaram a opressão e as censuras sociais à mulher.” (VASCONCELOS, 1995, p. 99) Podemos então perceber nuances dessa denúncia e crítica à condição feminina na escrita de Shelley em diversos momentos do romance, onde ela permite as suas personagens pequenas transgressões do *status quo*. Um exemplo interessante é o da mãe de Victor, Caroline Beaufort, procedente de uma família abastada, ela sofre várias adversidades, culminando com a morte de seu pai. Caroline demonstra uma força, independência e coragem até mesmo para fazer trabalho braçal fora de casa como forma de buscar sustento para si.

A filha tratou-o com a maior afeição, mas viu com desespero que a sua pequena reserva diminuía rapidamente e não havia nenhum auxílio em perspectiva. Contudo, Caroline possuía uma força de caráter pouco comum, e a sua coragem aumentou para assistir ao pai na adversidade. Arranjou pequenos trabalhos; entrançou vergas para fazer cestos e conseguiu ganhar com que viver.(p. 10)

Nesse ponto, Shelley subverte o ideal burguês feminino da mulher frágil, irracional e dependente do homem. Porém, depois da morte do pai, Caroline casa-se com Alphonse Frankenstein com quem vive o ideal burguês de frágil e delicada esposa e dedicada mãe de família, e termina morrendo contaminada por uma doença que contraiu ao cuidar de Elizabeth, sua filha adotiva.

Outro exemplo de transgressão ocorre na ocasião do julgamento de Justine, onde é possível perceber a sutil crítica social de Shelley quanto à atitude dessa personagem perante o júri, visto que ela se mostra sempre calma e passiva e até mesmo conformada diante da injustiça da qual é vítima:

Entrego a causa nas mãos dos meus juizes; contudo, não tenho muitas esperanças. Suplico que sejam interrogadas algumas testemunhas acerca da minha reputação; e se os seus depoimentos não tiverem mais peso do que a minha pretensa culpabilidade, devo ser condenada. (p.42)

Ao retratar esse comportamento de Justine, Shelley aponta para a condição feminina de subalterna perante uma sociedade e suas instituições masculinas. O sujeito subalterno, na definição de Spivak, é aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010 p.12). Justine é uma espécie de serviçal na casa dos Frankenstein, ela é órfã e mulher. Através do sofrimento dela, Shelley levanta uma crítica sobre como a condição de marginalidade do sujeito subalterno é mais arduamente imposta ao gênero feminino, posto que a “mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010 p.15), por isso mesmo, a intervenção de Elizabeth, que como membro respeitado da elite consegue permissão da corte para falar em defesa de Justine, não serve de nada para demover a corte e a audiência. Por fim, Justine é condenada e executada.

Um murmúrio de aprovação seguiu-se ao sóbrio e vigoroso discurso de Elizabeth; mas era devido a sua generosa intervenção e não a favor da pobre Justine, contra quem a indignação do público se voltava com uma nova violência, acusando-a da mais negra ingratidão. (SHELLEY, 2012, p. 43)

Podemos perceber que Shelley dá às suas personagens atitudes de protesto em relação ao domínio masculino. Elas buscam lutar contra o destino imposto pela sua condição “natural” de passividade, submissão e injustiça, opondo-se aos valores dominantes patriarcais. Porém, a despeito das tentativas de libertação, ao final de suas trajetórias, elas não conseguem realmente se livrar do fatal destino que as aguarda. Baseado nisso, analisando as atitudes destas personagens, percebe-se uma ligação de *Frankenstein* com fase feminista da literatura de autoria feminina proposta por Showalter (1986). Levando-se em conta que esse é um romance do século XVIII “essa combinação de conformismo e protesto [...] não é de se estranhar, pois, não importa quão pouco convencionais tenham sido essas mulheres, o discurso dominante da feminilidade deve também ter repercutido nelas” (VASCONCELOS, 1995, p. 99).

5 | GAROTA INTERROMPIDA

Surpreendentemente, existem em *Frankenstein* um momento em que a inferioridade feminina desaparece completamente e uma personagem feminina consegue se libertar do domínio patriarcal e consegue agir conforme sua própria vontade. A jovem árabe Safie. Ela foge da Itália, desobedecendo a vontade de seu pai, que havia desistido de conceder sua mão em casamento a Felix De Lacey.

Mesmo sabendo que o rapaz estava vivendo na miséria, exilado na Alemanha, Safie decide reunir-se a seu amado, deixando para trás a possibilidade de um rico casamento arranjado pelo pai, e vai viver seu amor num simples chalé. “Hesitou algum tempo, mas acabou por tomar uma decisão. Levando algumas joias que lhe pertenciam e uma pequena quantia em dinheiro, deixou a Itália e dirigiu-se para a Alemanha.” (p. 69).

Safie conta também da influência de sua mãe, que era uma Árabe cristã e que foi responsável pela educação que ajudou a moldar seu caráter e personalidade, “Ensinou à filha os princípios de sua religião e deu-lhe o gosto por uma cultura e uma independência proibidas para as mulheres maometanas.” (p. 68). Shelley nos brinda com uma personagem feminina forte, independente, decidida e inteligente, que graças à influência da educação que recebera da mãe, conseguira libertar-se do domínio patriarcal para tomar as rédeas da própria vida e conseguir ir onde queria, fazendo-se livre para amar a quem desejasse. E que interessante que toda essa revolução se dê na vida de uma mulher de origem muçulmana, elas que historicamente sofrem opressão severa por parte da sociedade masculina e dos mandamentos da religião de Maomé. E como é sutil, mas emblemática, a afirmação que Shelley faz sobre a importância e a influência da educação para a vida e livre arbítrio da mulher, através de uma personagem como Safie e a história de sua mãe.

Através da análise dessa personagem, podemos aproximar o conto da terceira fase da literatura de autoria feminina, chamada por Showalter (1986) de a fase “da mulher”, em que há a busca de uma identidade, uma autodescoberta, caracterizada pela libertação da tradição patriarcal onde a mulher assume sua própria identidade. Percebemos o advento de uma mulher dona de seu destino, inteiramente livre das restrições que a sociedade machista lhe impôs.

Segundo Mellor (1993), as obras das escritoras do romantismo inglês estavam desmascarando a opressão vivida pelas mulheres e exercida sobre elas através da imposição de regras de conduta, definidas geralmente por homens, dos ideais de beleza, da valorização excessiva da aparência feminina, da imposição do casamento e da maternidade como seus papéis primordiais, ao passo que lhes era negada a racionalidade. E é com “o monstro do sexo feminino” que Shelley nos faz vislumbrar a possibilidade do futuro da mulher em uma personagem feminina que não teria compromisso com padrões sociais ou de beleza, possuiria força física superior à do homem, e seria um ser pensante, livre para agir conforme sua vontade, para escolher seu parceiro, procriar e possivelmente dar luz a toda uma nova “espécie” que subjugaria a dominante. Através da atitude de Victor que a autora imprime sua crítica mais forte à sociedade masculina: ele destrói essa criatura antes de concluir sua criação negando lhe o direito a vida por supor que ela seja incapaz, mas mais do que isso, por temer que ela seja tão (ou mais) capaz quanto o monstro do sexo

masculino, ou seja, o homem. E não é isso que faz o sistema opressor patriarcal com todas as mulheres?

Victor, ao “abortar” a criatura fêmea, representa o medo da sociedade perante a possibilidade de uma mulher forte e intelectual e sexualmente independente. Como é possível constatar no fragmento que segue:

...ela podia tornar-se ainda mais cruel do que o companheiro. Tinha jurado deixar as proximidades dos homens e esconder-se nos desertos; mas e ela? Seu pensamento e sua razão podiam recusar submeter-se a um pacto concluído antes da sua criação. [...] Ela também podia repeli-lo para se virar para a beleza superior do homem. [...] os primeiros resultados desse afeto seriam crianças; uma raça de demônios propagar-se-ia na Terra e poderia pôr em perigo a própria existência da espécie humana. (SHELLEY, 2012, p.92)

Desta maneira é possível concluir que todas as três fases da escrita feminina, sobre as quais teorizou Elaine Showalter, estão presentes em *Frankenstein*. Pois, ao passo que Shelley reproduz o cânone sócio-político, inerente à mulher do século XVIII, ali representadas pelas personagens mulheres, também critica o status quo e apresenta a possibilidade de uma nova mulher, que não estaria acorrentada ao peso da cultura falocêntrica e hegemônica.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a mitologia grega, Prometeu era considerado o mais sábio dos titãs, e recebeu de a tarefa criar o homem. Foi também Prometeu quem concedeu a humanidade conhecimento e iluminação roubando dos deuses do monte olimpo o fogo, e por este ato condenado a ser arduamente castigado por toda a eternidade. A ideia do Prometeu moderno em *Frankenstein* pode ser interpretada de várias maneiras, o personagem Victor Frankenstein pode ser reconhecido como esse Prometeu moderno, pois de certo modo ele rouba de “Deus” algo que não deveria ser conhecido pelos humanos, a capacidade de criar vida, e como Prometeu, Frankenstein e a humanidade são punidos por esta ousadia. No mito, o ato de Prometeu fez com que Zeus criasse Pandora e lançasse todo o mal, desastre e doenças sobre a humanidade, enquanto Frankenstein vivia com a culpa e o arrependimento de ter criado o “monstro” causando tanta morte e tormento.

Levando em conta a quase total exclusão de mulheres do romance o fato de que ele ainda assim pode ser interpretado como um texto que promove uma mensagem feminista é surpreendente. Esta tarefa de ler nas entrelinhas para entender que com esta representação minimalista e estereotipada das mulheres em *Frankenstein*, Mary Shelley na verdade usou de ambigüidade e vários elementos na construção da narrativa que podem ser interpretados como um comentário crítico e de resistência

ao controle patriarcal. Shelley revela a desigualdade discretamente durante toda a história.

Ao longo do romance, Shelley sugere que as mulheres são vítimas em um mundo patriarcal: os homens são o motivo pelo qual as mulheres sofrem, morrem e são punidas. O romance exemplifica a injustiça sofrida pelas mulheres no século XVIII. Por este prisma, o Prometeu moderno seria uma encarnação da preocupação de Shelley com a posição e a importância feminina na sociedade patriarcal do século XVIII, cujo fogo vem da sabedoria e do conhecimento vem lançando luz sobre um novo caminho para a mulher que há de surgir: uma mulher cuja importância resida na paridade com os papéis sociais dos homens.

REFERÊNCIAS

BURKE, Meghan Lorraine. **Mothers, Monsters, Machines: unnatural maternities in the late eighteenth-century British Women's writings**. Dissertação de Mestrado. 2007. The Florida State University. Disponível em: <http://etd.lib.fsu.edu/theses/available/etd-03202007-133350/unrestricted/mlb_thesis.pdf>. Acessado em junho de 2015.

EVANS, Bertrand. **Gothic Drama from Walpole to Shelley**. 1947. Disponível em: <<http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015014710555;view=2up;seq=6>> Acessado em: junho de 2015.

MELLOR, Anne K. **Romanticism and gender**. Nova York: Routledge, 1993

PUPO, J. D. M. **Representações Femininas no Romantismo Inglês**. 2011. In: Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura_ / V Seminário Internacional Mulher e Literatura. Disponível em: <http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wpcontent/uploads/2012/01/joana_d_arc.pdf> Acessado em: junho de 2015

SHELLEY, Mary W. **Frankenstein: or the modern Prometheus**. Kindle version, 2012

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own**. In: EAGLETOWN, M. *Feminist literary theory: a reader*. Cambridge, Mass Blackwell, 1986.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **"Literature." A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present**. Cambridge, MA: Harvard UP, 1999.

_____, **Pode o subalterno falar?** 1. Ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VASCONCELOS, Sandra Guardini, **Romance gótico: persistência do romanesco**. In: VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____, **Construções do Feminino no Romance Inglês do Século XVIII**. 1995. Disponível em: <<http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/188.pdf>> Acessado em: julho de 2015

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica Feminista**. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.) *Teoria literária*. 3. ed. Ver. Ampl. Maringá: EUDUEM, 2009

_____, **Literatura de Autoria Feminina**. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.) *Teoria literária*. 3. ed. Ver. Ampl. Maringá: EUDUEM, 2009

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 9, 15, 16, 384, 387

Aparecido alves machado 173, 174, 179, 180, 181, 182, 190, 191

Aprendizagem 19, 20, 21, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 75, 76, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 96, 98, 99, 100, 105, 108, 109, 114, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 126, 150, 155, 158, 159, 160, 270, 274, 275, 277, 278, 280, 281, 282, 294, 306, 308, 309, 310, 311, 312, 314, 315, 349, 350, 355, 358, 359, 360, 361, 362, 363

C

Cinderelas do campo 173, 174, 175, 179, 180, 182, 183, 184, 190, 191, 192

Compreensão oral 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84

Comunicação 25, 28, 32, 46, 47, 65, 66, 67, 69, 70, 73, 77, 78, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 91, 94, 96, 97, 105, 106, 122, 125, 143, 144, 149, 157, 160, 161, 180, 272, 273, 274, 277, 288, 293, 295, 299, 306, 309, 337, 339, 340, 342, 347, 348, 376, 378, 398

Conhecimento 2, 7, 15, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 41, 48, 49, 51, 54, 55, 65, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 80, 82, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 117, 118, 121, 123, 137, 151, 152, 159, 164, 166, 167, 169, 211, 223, 247, 254, 268, 269, 273, 274, 275, 278, 279, 280, 281, 298, 303, 304, 306, 311, 313, 314, 316, 317, 319, 321, 324, 328, 329, 331, 333, 334, 337, 343, 344, 345, 347, 351, 352, 360, 387

Corpo 13, 113, 136, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 168, 169, 203, 219, 222, 223, 224, 225, 230, 231, 235, 237, 239, 278, 280, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 305, 306, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 351, 355, 356, 357, 358, 361, 368

Currículo 17, 33, 37, 68, 69, 71, 72, 115, 117, 118, 121, 125, 232, 303, 351, 360

D

Discurso 8, 9, 10, 15, 16, 17, 27, 33, 39, 45, 78, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 115, 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131, 142, 154, 158, 213, 216, 217, 219, 221, 222, 223, 226, 227, 229, 230, 231, 251, 254, 266, 283, 286, 292, 297, 335, 344, 347, 364, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 384, 385, 386, 387, 388, 391, 392, 393, 394, 397, 398

E

Encontro 36, 37, 45, 49, 53, 54, 83, 92, 101, 134, 150, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 219, 230, 263, 274, 284, 290, 294, 297, 298, 316, 325, 326, 335, 337, 344, 348

Ensino de gramática 43, 44, 45, 46, 47, 63, 89

Ensino de língua 21, 23, 28, 30, 45, 48, 63, 66, 68, 73, 85, 119, 122, 123, 124, 127

Ensino de línguas 31, 33, 35, 36, 41, 74, 87, 88, 89, 119, 120, 125

Estratégias didático 17, 18, 22

Ética 88, 125, 126, 150, 157, 159, 162, 231, 261

F

Formação continuada de professores 41, 117

Formação do professor 31, 126

G

Gêneros textuais 26, 43, 44, 47, 50, 63, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 123

I

Indígena 193, 194, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 358

L

Letramentos 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 40, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Linguagem jornalística 9

Língua inglesa 1, 6, 7, 8, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 74, 75, 76, 81, 83, 84, 126, 139, 364

Língua portuguesa 4, 8, 9, 15, 16, 17, 18, 38, 44, 45, 47, 48, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 85, 86, 89, 90, 91, 93, 94, 101, 102, 105, 107, 122, 124, 127, 128, 148, 149, 205, 217, 222, 364, 399

Língua portuguesa para surdos 73

Línguas estrangeiras 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 74, 75, 118, 247

Linguística aplicada 18, 32, 41, 97, 100, 102, 103, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 126, 127

Literatura 5, 6, 18, 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64, 94, 100, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 115, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 142, 144, 146, 148, 149, 163, 164, 165, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 188, 190, 191, 192, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 227, 231, 233, 241, 247, 248, 252, 257, 258, 259, 262, 265, 266, 267, 269, 338, 364, 367, 368, 378, 379, 382, 384

Literatura de cordel 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64

Literatura sul-mato-grossense 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 190, 191, 192

Lugar das línguas 1

M

Mapuche 193, 194, 197, 198, 201, 202, 204, 205

Monitoria de língua portuguesa 93

Moodle 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84

Mulher 112, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204, 209, 239, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 288, 289, 290, 291, 332, 333, 334

Multimodalidade 31, 32, 33, 34, 35, 37, 41

O

O cortiço 112, 115, 163, 164, 165, 167, 168, 171, 172

Oralidade 24, 28, 29, 37, 40, 51, 54, 85, 86, 87, 89, 90, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 114, 115, 211, 213, 276, 277

P

Pedagógicas 17, 18, 22, 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 78, 84, 85, 87, 92, 93, 121, 155, 157, 158, 159, 332, 334

Perspectiva bilíngue 65, 66, 72

Podcast 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Poesia 49, 50, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 147, 148, 149, 165, 173, 177, 180, 188, 190, 207, 213, 216, 260, 299, 374

Política 1, 6, 7, 8, 88, 114, 120, 121, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 169, 177, 183, 187, 191, 201, 212, 215, 225, 231, 242, 250, 261, 266, 286, 292, 326, 329, 345, 348, 365, 366, 372, 375, 376, 377, 381, 385, 390, 392

Política linguística 1, 7, 8

Práticas pedagógicas 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 121

Professores de língua materna 17

Proficiência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 21, 80, 103

R

Representação feminina 163, 168

Romantismo 133, 135, 136, 144, 145, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 188, 190, 191, 192, 213, 241, 259, 260, 261, 262, 267, 269

S

Sequência didática 43, 44, 49, 51, 52, 54, 55, 64, 85, 90

Simão Dias 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Subalternidade 193, 201, 212, 374

Subordinação 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204

T

Tecnologias digitais de informação 85

V

Videoclipe musical 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

 **Atena**
Editora

2 0 2 0